

## Norberto Bobbio e o paradoxo dos intelectuais<sup>1</sup>

Norberto Bobbio and the paradox of the intellectuals

Elvis de Oliveira Mendes

Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil

### Resumo

Em que medida ideia e ação podem em algum momento se encontrar? Para Bobbio, a dificuldade dessa questão legitima o longo debate estabelecido no último século sobre “a função dos intelectuais na sociedade”. Embora essa questão tenha gerado muito mais divergência do que acordo, na visão de Bobbio, é a existência de diferentes tipos de intelectuais que torna a reflexão possível. Neste artigo, pretendo mostrar que, de acordo com o pensador italiano, o julgamento e a condenação do diferente em favor da própria imagem, além de alimentar um sentimento narcísico ingênuo, é uma postura não apenas anti-intelectual, mas contraditória e contraproducente, baseada em um moralismo que vai na contramão do ideal plural de democracia. Bobbio, nesse sentido, advoga em favor de uma postura intelectual que, consciente de seu papel na sociedade, se afasta do fanatismo ideológico e modera o diálogo entre os diferentes.

**Palavras-chaves:** Norberto Bobbio; razão; ação; intelectuais; poder.

### Abstract

To what extent can idea and action ever converge? For Bobbio, the difficulty of this question legitimizes the long-standing debate established over the last century regarding “the role of intellectuals in society.” Although this issue has generated far more divergence than agreement, in Bobbio's view, it is the existence of different types of intellectuals that makes such reflection possible. In this paper, I intend to show that, according to the Italian thinker, the judgment and condemnation of the different in favor of one's own image, in addition to fueling a naive narcissistic sentiment, is a stance that is not only anti-intellectual but also contradictory and counterproductive, based on a moralism that runs counter to the plural ideal of democracy. Bobbio, in this sense, advocates for an intellectual stance that, aware of its role in society, distances itself from ideological fanaticism and moderates the dialogue between different perspectives.

**Keywords:** Norberto Bobbio; reason; action; intellectuals; power.

### Informações do artigo

Submetido em 06/06/2024

Aprovado em 14/08/2024

Publicado em 15/09/2024

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2024.v24n3.p88-104>



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

### Como ser citado (modelo ABNT)

MENDES, Elvis de Oliveira. Norberto Bobbio e o paradoxo dos intelectuais. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 24, n. 3, p. 88-104, set./dez. 2024.

<sup>1</sup> Uma versão reduzida desse texto foi apresentada em formato de conferência no evento comemorativo de 20 anos da morte do professor Norberto Bobbio, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco. O evento aconteceu no dia 04 de abril de 2024, numa tarde de muita chuva em Recife, tive o prazer de desfrutar da companhia dos professores Dimitrij Zen e Alberto Simonetti (Universidade de Perugia - Itália) que compuseram a mesa mediada pelo querido professor Marcos Luna, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAP. Gostaria aqui de registrar também os meus sinceros agradecimentos aos professores Ermano Nascimento e Antonio Carlos, organizadores desse evento que contou com a presença de dezenas de estudantes das graduações em Filosofia e Teologia. Agradeço imensamente pelo convite para participar do evento na condição de palestrante e de poder contribuir com o Dossiê da Revista *Ágora* dedicado à essa efeméride importantíssima para os estudos sobre o legado de Bobbio no Brasil.



## 1 INTRODUÇÃO

Entre os vários temas que inquietaram a longa e fecunda carreira do professor Bobbio, a relação entre ideia e ação, ou melhor, a pergunta moderna sobre o papel do intelectual nas sociedades contemporâneas parece ter ecoado de maneira decisiva em seus pensamentos<sup>2</sup>, se considerado o número de conferências e textos escritos para lidar com esse tema. Pretendo mostrar nesta breve análise que, diante da complexidade desse debate, o qual muitas vezes se torna fugitivo da razão, Bobbio se manteve dialético e profundamente realista, o que não quer dizer neutro. Para ele, por um lado, o intelectual enquanto indivíduo de cultura que busca a verdade por meio da razão, deve se manter afastado das paixões políticas, na medida que isso seja possível, sobretudo, deve se policiar em relação ao fanatismo intrínseco a essas paixões. Por outro lado, o intelectual possui sim um papel fundamental nas sociedades, visto que enquanto indivíduo de cultura, possui os instrumentos necessários para esclarecer seus concidadãos. Consciente das limitações do discurso, o intelectual deve contribuir para o avanço espiritual de seu país.

Para lidar com essa temática, analiso alguns textos oriundos de palestras e conferências ministradas por Bobbio, onde o tema dos intelectuais e suas relações com as ideologias aparece de forma central. Considero que seja possível captar a postura de Bobbio em relação ao caráter problemático da relação entre os intelectuais e a *práxis* política, sobretudo, a difícil relação entre intelectuais que pensam diferente acerca deste fenômeno. Para tanto, desenvolvo essa análise em três passos, no primeiro, tento mostrar de que maneira Bobbio enxerga nesses debates um sentimento narcísico e sectário que coloca indivíduos de cultura em uma condição de oposição radical. Uma divergência que, ao invés de gerar consenso, promove uma cruzada moral que, coloca em xeque a própria vida intelectual e sua credibilidade frente à sociedade. Na segunda parte, analiso “os acusados” que, de acordo com Bobbio, são o “intelectual traidor” e o “intelectual desertor”, a partir disto, tento mostrar como na visão do professor italiano, encontra-se um vocabulário militar nas acusações trocadas entre os intelectuais divergentes. Por fim, o último passo dado nessa breve análise envolve a reflexão bobbiana sobre o problema mesmo dos intelectuais,

---

<sup>2</sup> Sobre essa temática, há publicações recentes que analisam a relação entre pensamento e *práxis*, em especial, a relação entre os intelectuais e o poder na obra de Bobbio, sobre isso ler (Pazé, Cuono, 2022, p. 313-329). Ver também ainda sobre isso (Ragazzoni, Craiatu, 2022, p. 247-249).

enquanto uma classe que detém um potencial cultural transformador, mas que muitas vezes se perde em uma troca de farpas que desemboca em um discurso puramente moral e inócuo.

## 2 A CONDENAÇÃO DOS INTELLECTUAIS

No século XX, muito se falou sobre a traição dos intelectuais, seja pelo demasiado envolvimento na política, seja pelo não envolvimento na política<sup>3</sup>. Deste modo, os intelectuais, engajados ou não com os acontecimentos práticos do mundo, foram chamados de traidores ou desertores, por motivos que naturalmente se contrapõem. Com efeito, o fato de a atividade intelectual ter demandado nos últimos séculos a tarefa de pensar a si mesma, resultou numa vasta produção sobre o tema. Na modernidade tardia, isso se tornou frequente devido ao processo de politização radical da filosofia. De fato, questões como “qual a função do intelectual na sociedade?”, ou ainda, “o intelectual possui uma missão?”, ou uma questão ainda mais radical, “qual a relação entre pensamento e *práxis*?”, são relativamente recentes, mas ganharam grande complexidade após os eventos nefastos do século passado, tendo em vista as ideologias forjadas no momento em que os filósofos se tornaram crentes de que poderiam transformar o mundo.

Na introdução de *Os Intelectuais e o Poder* escrita em 1993, sobre os discursos acusatórios emitidos por uma parcela dos intelectuais, com objetivo de difamar uns aos outros, Bobbio (1997, p. 9) alerta que, “maior parte desses discursos está viciada por um erro lógico bastante conhecido, do qual um intelectual devia prevenir-se: a falsa generalização”. Na visão de Bobbio, tratar dos intelectuais como um grupo homogêneo que deve se comportar de maneira uniforme e partilhar das mesmas opiniões é uma insensatez (*Ibid*<sup>4</sup><sub>100151001</sub>).

O fato é que, os intelectuais nos últimos tempos são acusados de várias maneiras. Acerca disso, Bobbio pontua que, uns são acusados “por serem sempre do contra”, acusação normalmente feita por quem está no poder. Outros são acusados de serem “conformistas”, via de regra, essa acusação é feita por quem deseja o poder.

---

<sup>3</sup> Ver por exemplo sobre isso (Jennings, Kemp-Welch, 1997).

<sup>4</sup> Sobre isso, vale dizer que, Bobbio partiu da crítica de si, contra si e por si, para tornar possível a releitura da teoria dos intelectuais, isto é, a dinâmica/perfil do intelectual público contra o dogma intelectualista (Cf. Bobbio, 1997).

<sup>5</sup> (Cf. Winock, 2000, p. 32-38).

Temos também aqueles que acusam os intelectuais de falarem demais, terem o desejo de aparecer. Por fim, temos os que são acusados de serem quietos demais, por falarem pouco e não se comprometerem com as visões disponíveis (Bobbio, 1997, p. 10). Assim, o intelectual é sempre acusado de algo, seja de transgressor, que ambiciona o poder, seja de conservador, que contribui para a manutenção do poder, seja de vaidoso, que fala demais sobre tudo para se manter em evidência, seja pelo silêncio e falta de engajamento nas questões mais urgentes da sociedade. Como se percebe, há acusações para todos os gostos e anseios.

Essas acusações são possíveis porque quem acusa está preso a uma visão de mundo quase sempre pessoal, que dita qual a verdadeira função do intelectual, assim, qualquer postura, opinião ou comportamento que não se alinhe com essa determinada visão pessoal, logo será alvo de condenação. Para Bobbio, há uma contradição radical nessa postura acusatória que ataca o diferente com base em avaliações pessoais, pois ela ataca a própria ideia de democracia. Visto que,

nas democracias modernas, que são sociedades pluralistas, o poder ideológico está fragmentado e se exerce nas mais diversas direções, algumas vezes até mesmo contrastantes entre si, essa é uma outra razão pela qual todo juízo global a respeito dos intelectuais é sempre inadequado, além de objetivamente falso (1997, p. 11).

Nesse sentido, para Bobbio, o risco dessas acusações e julgamentos contraditórios é justamente o descrédito dos intelectuais, observado que maioria dessas acusações e julgamentos são feitas por aqueles que se compreendem e se auto conclamam intelectuais. Se considerado o fato de que a classe política ou até mesmo as massas quase sempre ignoram os intelectuais, por diversos fatores, com algumas exceções, o fim dos intelectuais independentemente da razão pela qual os intelectuais podem sumir, só pode ser decretado pelos próprios intelectuais (Bobbio, 1997, p. 14). Assim, quando Bobbio chama atenção para o caráter problemático dessas avaliações internas à pequena bolha a qual fazem parte os intelectuais, ele aponta para dois aspectos extremamente complexos e subjetivos, quais sejam, o teor narcísico dessas avaliações, que decreta; “senão eu, então ninguém”, isto é, se não posso impor minha visão moral sobre o mundo, então ninguém mais o fará. Postura que revela uma espécie de “suicídio dos intelectuais”. Portanto, para Bobbio, não há nada mais negativo e auto sabotador, que acusar o diferente de traição ou deserção, ou pior, decretar o fim dos intelectuais porque uma parcela deles não comungam das

mesmas ambições pessoais. Esse tema se tornou central para Bobbio desde muito cedo, em *Política e Cultura*, texto originalmente publicado em 1951, Bobbio é enfático quando afirma que:

A tarefa dos homens de cultura hoje, mais do que nunca, é semear dúvidas, não colher certezas. As crônicas da pseudocultura dos improvisadores, amadores e propagandistas interessados estão cheias e regurgitando de certezas - cobertas pelo esplendor do mito ou construídas com a pedra dura do dogma. Cultura significa moderação, consideração, circunspeção: avaliar todos os argumentos antes de tomar uma decisão, verificar todos os testemunhos antes de decidir, e nunca falar ou decidir como um oráculo do qual depende irrevogavelmente uma escolha peremptória e definitiva (2005, p. 47)<sup>6</sup>.

Como é possível observar, em um momento crítico da história do continente europeu, em um contexto de plena reconstrução, tanto das cidades quanto da própria política de nações arrasadas pela guerra e pelo terror, Bobbio se colocou em favor da dúvida e não das certezas, ficou do lado da moderação contra o radicalismo, consciente que a catástrofe vivida há pouco era um resultado trágico de um momento em que as certezas e o radicalismo tomaram de assalto as consciências. Não apenas os estadistas, mas as massas se tornaram cegas pela crença e pelo narcisismo, fatalmente a consciência também de muitos intelectuais se tornou cativa dessas emoções.

Isso é a constatação de que os intelectuais são pessoas que sentem e se afetam como qualquer outra, são imperfeitos e se equivocam muitas vezes, a cegueira e o sectarismo também pode aprisioná-los em suas ideias ou aliená-los do mundo, o que para Bobbio (*Cf.* 2005, p. 47), parece fazer parte da condição humana, “pois não se limita ao mundo contemporâneo”, na verdade “está ligado à figura romântica do filósofo-profeta: transformar o conhecimento humano, que é necessariamente limitado e finito em uma espécie de sabedoria profética”. Com as ideologias políticas e os regimes, isso ganha magnitude coletiva, de fato, todas as visões políticas acreditam saber o que é melhor e julgam estar do lado do bem e da verdade, todas elas, sem exceção. Assim, as lutas políticas, desde as mais violentas às mais simbólicas,

---

<sup>6</sup> (No original) “Il compito degli uomini di cultura è piú che mai oggi quello di seminare dei dubbi, non già di raccogliere certezze. Di certezze – rivestite della fastosità del mito o edificate con la pietra dura del dogma – sono piene, rigurgitanti, le cronache della pseudocultura degli improvvisatori, dei dilettanti, dei propagandisti interessati. Cultura significa misura, ponderatezza, circospezione: valutare tutti gli argomenti prima di pronunciarsi, controllare tutte le testimonianze prima di decidere, e non pronunciarsi e non decidere mai a guisa di oracolo dal quale dipenda, in modo irrevocabile, una scelta perentoria e definitiva”.

buscam impor uma determinada visão do que é melhor. No entanto, nós, seres humanos somos imperfeitos e totalmente limitados, assim, qualquer visão de mundo imaginada por nós será também imperfeita e limitada. Movidos por desejos quase sempre egoístas e pela crença naquilo que desejamos acreditar, a ação política, nesse sentido, parece, portanto, ser impulsionada por perspectivas individuais, interesses egoístas, afecções e paixões pessoais.

Esse fenômeno, humano por excelência, está no centro da reflexão proposta aqui, como certa vez Bobbio (2011, p. 11) afirmou: “a tendência a se alinhar nas situações em que há dois lados em luta é um comportamento natural, muito mais natural que o de se colocar acima ou abaixo da batalha, como se constata habitualmente nas partidas de futebol”. A gravidade e o perigo disso, dessa postura entre os intelectuais é que, visto que a razão pode ser usada das mais diversas formas, seja para a sedução, seja para a acusação e destruição daqueles que pensam diferente, é a própria razão que é abandonada se as relações entre os vários tipos de intelectuais são conferidas com base unicamente em suas emoções e simpatias. Nesse sentido, Bobbio aponta para um aspecto profundamente problemático da querela entre os intelectuais, a saber, o fato de que, ao se comportarem como moralistas e acusadores, é a seita que finca suas bases, e no terreno onde mora o sectarismo, não há mais espaço para a liberdade de pensamento.

### **3 O INTELLECTUAL TRAIADOR *VERSUS* O INTELLECTUAL INÚTIL**

Sobre as acusações feitas contra os intelectuais, duas visões se tornaram preponderantes no debate sobre a função do intelectual nas sociedades contemporâneas. Bobbio evoca dois pensadores importantes que estavam no seu campo de visão sobre essa temática na Itália, Julien Benda<sup>7</sup> e Antonio Gramsci. Com a acusação de alta traição, Benda condenou a filosofia ao fim, pois teria se tornado atividade política, e assim, traído a liberdade de pensamento e sua busca fundamental, que é espiritual e não mundana. Deste modo, Benda advogou em favor

---

<sup>7</sup> Muito pouco conhecido no Brasil, mas muito traduzido e extremante debatido no contexto intelectual Italiano no período das conferências e ensaios de Bobbio, de fato, é um nome que aparece sempre em seus textos, enquanto o intelectual que declarou a morte dos intelectuais na obra *La Trahison des Clercs*, de 1927 (Cf. Benda, 1955). Além do uso frequente de seu nome como exemplo da acusação de traição, Bobbio dedicou um ensaio escrito em 1956 para falar apenas sobre o seu papel nesse debate (Ver: 1997, p. 37-56). Além de emitir sua interpretação, comenta outros textos sobre a polêmica levantada por Julien Benda contra os intelectuais.



da atividade intelectual desinteressada e meramente especulativa. Gramsci por outro lado, chamou a atividade intelectual voltada para o espírito de inútil, lançou seu projeto revolucionário ao qual deveria começar exatamente pelos intelectuais. Na sua visão, não seria mais a revolução proletária de Marx por meio da guerra e da violência que tornaria o mundo um lugar de justiça e igualdade, mas sim, uma revolução por meio das ideias, isto é, não seriam soldados revolucionários armados com fuzis, mas professores armados de ideias persuasivas que iriam modificar a sociedade através de uma revolução cultural<sup>8</sup>.

Bobbio capta bem essa *aporia* entre o “intelectual traidor” *versus* o “intelectual inútil”, estaria a atividade intelectual condenada ao seu fim, seja pela traição, ou pela inutilidade dos intelectuais? Bobbio discorda de ambas as visões e nos convida a pensar fora dessa dicotomia quando afirma que,

maior parte dos discursos sobre os intelectuais que lemos dia após dia nos jornais e revistas são discursos prescritivos, que exprimem os desejos ou as esperanças de quem os faz, mas são habitualmente apresentados como discursos analíticos, como discursos sobre o que os intelectuais efetivamente fazem, e, portanto, são equivocados de cima a baixo (1997, p. 69).

De fato, reduzir o domínio da experiência intelectual à essa dualidade parece desconsiderar a constatação de que toda perspectiva política ou ideológica reivindica compreender o melhor caminho para o benefício coletivo. Como foi dito anteriormente, todas perspectivas políticas e ideológicas disponíveis definem de maneira categórica o que é benéfico, para tanto, precisam igualmente definir também o que é o mal. Além disso, ao contrário do que muitos disseram, que as ideologias estavam mortas, na verdade, trata-se exatamente do contrário, como afirma Bobbio:

as ideologias não deixaram de existir e estão, ao contrário mais vivas do que nunca. As ideologias do passado foram substituídas por outras, novas ou que pretendem ser novas. A árvore das ideologias está sempre verde. Além do mais, como já foi diversas vezes demonstrado, não há nada mais ideológico do que a afirmação de que as ideologias estão em crise (2011, p. 51)<sup>9</sup>.

Dito isto, o fato é que um tipo específico de julgamento moral marcou o jogo político nos últimos séculos, todas correntes políticas intelectualmente orientadas ou

---

<sup>8</sup> Para ver sobre isso, conferir (Gramsci, 2000).

<sup>9</sup> Ver sobre isso (Blackburn, 2022, p. 347–360).



não, das mais utópicas às mais realistas, alegaram para si, o conhecimento do bem, do certo e do justo. Foram justamente dessas reivindicações, ou as discordâncias geradas por essas reivindicações de onde surgiram tantos conflitos, os envolvimentos práticos e mais recentemente, os ativismos, sejam eles violentos ou festivos.

Nesse sentido, Bobbio vê a política de maneira bastante dialética, talvez por influência da Fenomenologia de Husserl, do qual se dedicou aos estudos de juventude<sup>10</sup>, talvez por sua experiência mundana, tendo vivido as tensões da política efetiva em um dos momentos mais complexos da história italiana, Bobbio se viu colocado diante de homens e mulheres inflamados pelas três grandes ideologias de sua época, em um tempo que posicionar-se politicamente exigia coragem e disposição para morrer. Estava muito além de postar mensagens em redes sociais ou acusar os colegas com visões diferentes, com mero discurso moral. Em outras palavras, Bobbio enfrentou eventos violentos em uma atmosfera de perseguição que nenhum de nós em nosso tempo nem se quer sonha em viver<sup>11</sup>. Ora, o fato é que, seja pela experiência intelectual, seja pela experiência do mundo vivido, Bobbio é um exemplo de moderação e diálogo.

Provavelmente por isso, ele se via profundamente incomodado com o debate muito acalorado dos intelectuais sobre qual a função da racionalidade filosófica na *práxis* política. Assim, inquieto com isso, Bobbio (1997, p. 70) veio a afirmar que, “as falsas generalizações são armas polêmicas, não são instrumentos de conhecimento, pois são o efeito de juízos de valor introduzidos de contrabando”. O que Bobbio aponta como fenômeno negativo e totalmente destrutivo para o livre pensamento é o caráter moral, religioso, em alguns casos, até militarista dos termos dos quais os intelectuais passaram a usar para se acusar mutuamente.

Nesse sentido, o cuidado com os termos e a moderação no discurso faz de Bobbio um pensador realista, dizer isso tem um sentido bastante importante neste texto, visto que Bobbio também foi vítima das generalizações cujo pensamento contemporâneo parece estar contaminado. Quando se vê, em mais uma de suas

---

<sup>10</sup> Ainda muito jovem Bobbio escreveu o ensaio *L'indirizzo fenomenologico nella filosofia sociale e giuridica*, publicado na *Rivista di Filosofia*, era o resultado de sua dedicação aos estudos sobre Husserl, feito para o trabalho de conclusão do curso de Filosofia, sua segunda graduação. Ver sobre isso (Bobbio, 1998, p. 17). Vale ver também a recente publicação dos textos de juventude de Bobbio em (Bobbio, 2023).

<sup>11</sup> Ver sobre isso (Bobbio, 1998, p. 43).

interpretações enviesadas, Perry Anderson classificar Bobbio como um conservador<sup>12</sup>, por não estar de acordo com o que Anderson julga como adequado para um intelectual engajado, percebemos exatamente o sintoma apontado por Bobbio, os julgamentos e generalizações. Neste contexto, os intelectuais, na condição de juízes acusam uns aos outros para alimentar seu narciso interior, e assim, se colocam numa condição “acima do bem e do mal”. No entanto, ainda nesse mesmo sentido, vale dizer que, a observação acerca da interpretação de Anderson, não implica que o total oposto seja correto. De fato, a tentativa de colocar Bobbio dentro do espectro de um certo tipo de esquerda revolucionária, também vai muito na contramão do que é possível se acessar em seus textos, ele mesmo em sua autobiografia se descreveu como alguém que na juventude “nunca teve uma verdadeira vocação para a política” (Bobbio, 1998, p. 16), pretendia na verdade, estudar os textos sobre fenomenologia do direito. Ainda sobre isso, afirmou, “eu não era um militante” (*Ibid.*, p. 17). Ele mesmo também relata que só tomou posição durante a Segunda Guerra, “quando a situação se tornou dramática” (*Ibid.*, p. 43).

Em sua fase mais madura, Bobbio no texto *Nem com eles, nem sem eles*, publicado em 1992 a comentar mais uma vez a questão dos intelectuais, concluiu que “nunca foi comunista e nem teve a pretensão de sê-lo”, por outro lado, também “nunca se considerou um anticomunista, sempre enxergou os colegas (comunistas italianos) como interlocutores” (Bobbio, 1997, p. 175). De fato, Bobbio não é um pensador facilmente compreendido, se pensado na perspectiva binária da atual teoria política. Na minha interpretação, advogo que o caráter fenomenológico e dialético do pensamento de Bobbio se revela em um realismo muito propositivo e consciente dos problemas, tanto da política enquanto fenômeno do mundo vivido, quanto da filosofia política enquanto fenômeno teórico.

Um bom exemplo disso, é perceptível num texto presente na compilação de escritos de Bobbio (2014, p. 84) sobre Marx, quando o autor afirma: “sempre fui fascinado pelo pensamento de Marx, mas nunca me convenci”. Isso revela sua probidade intelectual, seu compromisso com o que é possível no mundo da vida, Bobbio (1997, p. 17) pareceu nunca perder de vista as dificuldades que qualquer teoria ou engenharia social tem quando lida com a política efetiva. O que o conduziu a afirmar no auge de sua maturidade: “a história das ideias e a história das ações correm

---

<sup>12</sup> Para ler sobre isso, visitar o ensaio de Perry Anderson sobre Bobbio em (Anderson, 2002, p. 238).

sobre trilhos paralelos que raramente se encontram”. O que pode ser compreendido como uma resposta implícita a Marx e sua “locomotiva da História”, que ruma ao progresso e à revolução. Nesse sentido, o relato de Bobbio é justamente o oposto dessa visão da história enquanto história do progresso, para o filósofo italiano, a história não segue em linha reta, é a história das contingências e dos descaminhos.

Isso não quer dizer que Bobbio tenha sido um conformista ou até um conservador como afirma Anderson. De fato, o lugar do intelectual na sociedade está muito demarcado na visão de Bobbio, não é necessariamente o engajamento, também não é o da mera erudição, isto é, não é de “traidor”, nem de “inútil”. O intelectual na visão de Bobbio, possui “uma força não-política”, expressão que dá nome a um ensaio de 1953, onde ele afirma que:

Na medida, em que (o intelectual) defende e alimenta valores morais, ninguém pode acusá-lo de ser escravo das paixões partidárias. Porém, ao mesmo tempo, na medida em que adquire consciência bem clara de que estes valores não podem ser desconsiderados por nenhuma república sua obra de artista e de poeta, de filósofo e de crítico, torna-se eficaz na sociedade da qual é cidadão (1997, p. 23).

Como é possível perceber nesta passagem, Bobbio evoca aspectos da vida intelectual que operam de maneira dialética, por um lado, o que ele chama de “homem de cultura” não deve ser “escravo das paixões partidárias”, por outro lado, enquanto alguém que é consciente dos problemas humanos, não deve abandonar sua condição de artífice moral da sociedade em que vive. Desta maneira, na visão de Bobbio, os intelectuais devem exercer uma “força não-política” que não o torna traidor, nem inútil. Nesse sentido, Bobbio evita as posições extremas propagadas por intelectuais como Benda e Gramsci, assim, ao recorrer a essa “força não política” da cultura, Bobbio se afasta da pretensão de elaborar qualquer antítese ou unidade, recorrendo à moderação.

Dessa forma, Bobbio buscou um realismo que só pode ser encontrado em poucos intelectuais do século XX, criticou pensadores com quem tinha afinidades, como Karl Mannheim, Ortega y Gasset e Benedetto Croce, visto que embora esses filósofos promovessem uma reflexão que pretendia conciliar os interesses da cultura e os interesses da política, na interpretação de Bobbio (1997, p. 34-35), eles não conseguiram se desvencilhar seja do ideal clássico da *República* platônica, seja do utopismo da *République des Lettres*, forjada na era da ilustração. Para Bobbio, essa

visão tanto antiga quanto moderna de que, os intelectuais são uma classe detentora da razão que deve guiar a multidão de acordo com as suas ideias de civilidade, igualdade e modernidade progressista, se defrontam com um obstáculo incontornável, a realidade dada. Assim, o intelectual quando se coloca na condição de guia da sociedade, ele segrega, como alguém ungido pela luz do *cosmos*, se vê senhor do mundo, dono da verdade última e salvador daqueles que sofrem. Como afirma Bobbio (1997, p. 36), “creem flutuar sobre as ondas como senhores da tempestade e são impelidos, sem que deem conta, a uma ilha desabitada”.

Somado a esse aspecto narcísico com aura messiânica, de acordo com a crítica de Bobbio, o conflito entre os intelectuais toma de empréstimo características do moralismo militar. Em *Os Intelectuais e o Poder e Da Presença da Cultura e da Responsabilidade dos Intelectuais*, conferências proferidas em 1977 e 1978 respectivamente, Bobbio avança novamente sobre o problema entre teoria e *práxis*. Ele nos conduz a observar que há um abismo entre essas duas experiências, isto é, os fins pensados e os meios práticos, o que alarga a distância entre a teoria política e o fenômeno do político. Essa diferença é ilustrada por Bobbio através da relação entre os intelectuais “ideólogos” e os “expertos”. Não pretendo dar longa explicação sobre isso aqui, mas os exemplos do intelectual ideólogo e do intelectual experto, no sentido dado por Bobbio (Cf. 1997, p. 73) é bastante didático para entender as relações entre meios e fins na política. O ideólogo age com vista aos fins ideais, o experto se dedica ao caminho, inevitavelmente, muitas vezes o ideólogo preso aos fins ideais se afasta da realidade, enquanto o experto acaba servindo ao poder, visto que não está preocupado com os fins, essa é a distinção fundamental entre o utopista e o técnico (Cf. 1997, p. 74)<sup>13</sup>. Assim, sobre o moralismo militar mencionado anteriormente, que ganhou espaço na linguagem dos intelectuais, se revelando uma espécie de chauvinismo muito peculiar traduzido por meio das expressões traidor e desertor, Bobbio nos alerta:

Enfatizemos esses dois termos: *traição* e *deserção*. Boa parte da controvérsia sobre a ética dos intelectuais move-se entre um e outro. Trair significa passar ao inimigo; desertar significa abandonar o amigo. Por certo, é mais grave a traição do que a deserção; mas também a deserção é uma culpa. Uma coisa é servir a parte errada (aos poderosos em vez de aos puros de coração); outra é não servir à parte justa (para Nizan, os oprimidos, os deserdados, os aflitos). Isso

---

<sup>13</sup> Bobbio (1997, p. 75) os distingue como duas culturas ou tipos de intelectualidade, a humanista e a técnico-científica.

significa que o intelectual não pode escapar de uma ou de outra dessas duas condenações: se toma partido, trai; se não toma, deserta. Mas é realmente assim? (1997, p. 77).

Lançada essa questão fundamental, passo aqui a uma constatação da qual Bobbio nos ajuda a perceber com certa clareza, se o intelectual está condenado a ser culpado seja por uma coisa ou por outra, nesse jogo de acusações, quase sempre de cunho moral, somos nossos próprios inquisidores. Aqui lançamos outra questão, o que ganhamos com isso? De fato, “o posto do intelectual é polêmico”, como afirma Raimundo Faoro no prefácio da versão brasileira da autobiografia de Bobbio, e isso o inquietou profundamente, inquietação que anima maioria dos meus comentários aqui. Isso o inquietou porque Bobbio (Cf. 1997, p. 97) parecia estar muito mais preocupado com a responsabilidade do intelectual e não com o necessário engajamento.

A considerar que é a responsabilidade que visa o cálculo das consequências das práticas feitas com base na convicção (do ideólogo), o que conduziu o próprio Bobbio (1997, p. 99) a dizer que “preferia falar de reponsabilidade do que de engajamento”, visto que para ele, o engajamento virou uma espécie de “subordinação”, já que passou a ser um tipo de obrigação moral do intelectual, independente de qual fosse a causa. Diante disso, surgiu um culto ao engajamento, e não uma reflexão sobre a responsabilidade do intelectual sobre determinadas questões da sociedade. O que novamente nos leva a uma ética de caráter militar, dado que o soldado em combate, enquanto subordinado da nação, cumpre as ordens de seus generais sem refletir seus atos, sob o risco da acusação de traição ou deserção. A condição do engajamento de acordo com a reflexão de Bobbio, se assemelha à da subordinação, pela perda da responsabilidade.

O risco do qual Bobbio nos alerta, a saber, do engajamento pelo engajamento, isto é, pela satisfação da paixão de fazer parte de algo, da mera identificação, sem a clara responsabilidade com a sociedade, gera uma tendência a enxergar fins políticos em tudo, uma espécie de miragem que dá significado político a tudo que se acha no mundo das coisas, tanto públicas quanto privadas. É um desvio da verdadeira responsabilidade política que só pode ser praticada por meio da cultura que também age politicamente, mas de maneira diversa. Sobre isso, Bobbio (1997, p. 107) enfatiza que: “A política não é tudo. Quem acredita que a política é tudo, como crê o homem do tudo ou nada, já está no caminho daquela politicização ou estatalização integral da vida em que consiste o Estado totalitário”. Portanto, a cultura enquanto uma forma de

responsabilidade política é o centro da reflexão de Bobbio, como maneira de afastar o debate político dos chavões morais, quase sempre pertencentes ao vocabulário militar que permeia os engajamentos, espaços marcados muito mais pela intransigência do que pela justiça.

#### 4 A MILITÂNCIA DA RAZÃO

Em um texto intitulado *Intelectuais*, Bobbio retoma a querela contemporânea entre os intelectuais, chamando atenção para o antagonismo entre as personagens intituladas por ele como, o “intelectual revolucionário” e o “intelectual puro”. Desta maneira, ele redefine o conceito de Intelectual por ele herdado da tradição. O intelectual revolucionário compreendido por Bobbio (1997, p. 124) é aquele que “luta” contra o poder e pela “instauração de uma nova sociedade”, o intelectual puro é aquele que “luta” contra o poder “em nome da verdade e da justiça”. Ao investigar essa dicotomia, Bobbio percebe que tanto o intelectual revolucionário quanto o intelectual puro, assim nomeados por ele, possuem o mesmo “inimigo”, o que revela que ambos os tipos de intelectuais têm a mesma consciência de seu papel na sociedade, além da consciência clara da existência de um mal, o poder. Assim, constatado que há um inimigo em comum, toda discordância surge de uma espécie de “idealismo inconsciente”, que apela a um ideal que será instaurado pela revolução ou pela revelação da verdade. Sobre a diferença fundamental entre o intelectual revolucionário e o intelectual puro. Bobbio afirma que:

Para o primeiro vale o princípio de que não se faz revolução sem teoria revolucionária e, em consequência, a revolução deve ocorrer antes nas ideias do que nos fatos; para o segundo, vale o princípio oposto de que a razão de estado ou, o que é mesmo, a razão de partido, de nação ou mesmo de classe não deve jamais prevalecer sobre as razões imprescritíveis da verdade e da justiça. Então destinado a não encontrarem, melhor ainda, a se chocarem, porque para o primeiro é verdade aquilo que serve à revolução, ao passo que, para o segundo, a verdade é por si mesmo revolucionária (Bobbio, 1997, p. 125).

Diante dessa aparente *aporía*, provocada pela divergência na diversa e difusa compreensão de mundo dos intelectuais, se perde de vista exatamente o foco no “inimigo real”, isto é, o sistema, o poder, as desigualdades e mazelas do mundo. Essa mudança de foco recoloca as forças do debate com todas suas terríveis energias, para

o bem e para o mal, no ataque dos intelectuais uns contra os outros. Entre os vários efeitos deletérios desse fenômeno tão vívido estão o utopismo, por parte do intelectual revolucionário, que na ânsia da construção de uma sociedade desenhada à sua imagem e semelhança tende a participar dos jogos de poder, e o niilismo por parte do intelectual puro que, ao enxergar apenas decadência tende à apatia e a indiferença diante das dores do mundo. Para Bobbio (1997, p. 130), utopismo e niilismo são o resultado dessa divergência irreduzível.

O resultado disso, visto que o espírito da tirania espalha suas sombras por todos os lados, e assim, se origina vindo de todos os lados, é que muitos assim compreendidos intelectuais tiranizam qualquer ambiente e impõe (ou desejam impor) um modo de vida tirânico, porque vivem unicamente de acordo com suas ideias abstratas e concepções de certo e errado, balizadas em um “eu” que não ouve e não enxerga além de suas próprias crenças. Diante disso, a principal lição de Bobbio é que é necessário se evitar a politicagem, compreendida enquanto o uso da política para fins pessoais. Por outro lado, é igualmente necessário se evitar a indiferença. Ambas as posturas, tanto a do engajamento cego, quanto a da aversão à política, de acordo com Bobbio, são aberturas para o totalitarismo. De fato, “o fascismo é eterno”, como afirma Umberto Eco. Por traz do intelectual-guia ou político surge o demagogo; por traz do intelectual puro defensor das verdades eternas, surge o decadentista. Ambas são posturas que flertam com o autoritarismo.

Diante disso, entenda-se que, quando se afirma que o indivíduo aculturado deve se envolver sim nas questões importantes da sociedade em que vive, e assim, tomar um partido nas alternativas disponíveis, Bobbio não discorda disso, no entanto, de acordo com o autor:

Há uma forma própria de se comprometer: a de agir para defender as próprias condições e os pressupostos da cultura. Se quisermos, ele também tem a sua própria maneira de decidir, desde que seja bem compreendido que só pode decidir pelos direitos da dúvida contra as reivindicações do dogmatismo, pelos deveres da crítica contra as seduzões da paixão, pelo desenvolvimento da razão contra o império da fé cega, pela veracidade da ciência contra os enganos da propaganda (2005, p. 48)<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> (No original) “Ha il suo modo d’impegnarsi: quello di agire per la difesa delle condizioni stesse e dei presupposti della cultura. Se vogliamo, ha anch’egli il suo modo di decidere, purché s’intenda bene che egli non può decidersi che per i diritti del dubbio contro le pretese del dogmatismo, per i doveri della critica contro le seduzioni della infatuazione, per lo sviluppo della ragione contro l’impero della cieca fede, per la veridicità della scienza contro gli inganni della propaganda”.



Assim, para Bobbio os dois lados desta querela, de um lado, o intelectual político salvador das massas, do outro, o intelectual defensor das verdades puras, se tornam ambos afastados das questões reais, enclausurados em seus pensamentos. Posturas extremas capazes de tornar o ambiente da cultura, um lugar de ego elevado, marcado pelo narcisismo e pela surdez, uma espécie de torre babel, onde todos falam, mas definitivamente ninguém se entende. Ainda sobre isso, Bobbio (2005, p. 48) faz uma afirmação bastante elucidativa quando diz que, “a filosofia militante que tenho em mente é uma filosofia que luta contra-ataques, de onde quer que venham - sejam de tradicionalistas ou de inovadores - contra a liberdade da razão esclarecida”.

Essas passagens são muito claras e ricas de significado, o que nos ajuda a concluir que Bobbio advogou em favor de uma “filosofia da dúvida crítica” (*filosofia del dubbio critico*) se posicionando de maneira contrária ao que chamou de “filosofia da escolha” (*filosofia della scelta*) (2005, p. 49). Visto que um tipo de pensamento que só visa “lados”, posicionamentos, agendas, classificações e divisões, nunca trará consenso, pois não dialoga com a razão, apenas com modos de vida tirânicos. Sobre isso, Bobbio assinala:

Se eu tivesse que designar um modelo ideal de conduta, diria que a conduta do intelectual deveria ser caracterizada por uma forte vontade de participar das lutas políticas e sociais do seu tempo, que não o deixe alienar-se tanto a ponto de não sentir mais aquilo que Hegel chamava de “o elevado rumor da história do mundo”, mas, ao mesmo tempo, por aquela distância crítica que o impeça de se identificar completamente com uma parte até ficar ligado por inteiro a uma palavra de ordem (1997, p. 79).

Perceba-se que na passagem acima Bobbio diz: “se eu tivesse que designar um modelo ideal de conduta” - isto é, o “se” aqui, indica implicitamente, como se Bobbio dissesse: eu não tenho que designar nenhum modelo ideal, mas “se” eu precisasse, indicaria que fosse assim. Com isso, pode se extrair dois ensinamentos do que é dito por Bobbio, um está exposto: os intelectuais devem buscar a mediania, a moderação, em determinada medida devem viver os problemas de seu tempo, mas de maneira crítica para não cair no fanatismo que quase sempre dita as grandes verdades de um tempo e sociedade. O segundo ensinamento de Bobbio só pode ser lido nas entrelinhas. Mais uma vez, a expressão “se eu tivesse”, indica que, não é papel do intelectual forjar modelos ideais de conduta para seus pares. De fato, não é

o papel dos intelectuais prescrever receitas morais de como devem se portar seus pares sob a ameaça de expulsão do “salão dos deuses”. Em outras palavras, está dito aqui que não é função do intelectual se colocar na condição de um beato que acusa o irmão de praticar pecado original e sentenciá-lo pelo crime de impiedade. Bobbio enquanto alguém que se compreendeu como um “militante da razão”, nos alerta da necessidade de nossa participação na política, mas sem abrir mão de nossa faculdade de pensar criticamente, em especial, exercer crítica e se manter vigilante com relação às nossas próprias crenças.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. **Afinidades seletivas**. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 197-242.

BENDA, J. **The Betrayal of the Intellectuals**. Trans. Richard Aldington, Boston: Beacon Press, 1955.

BLACKBURN, D. The ideological tree is always green: Norberto Bobbio and the future of ideology studies. **Journal of Political Ideologies**, 27(3), 2022, p. 347–360.

BOBBIO, N. **Diário de um século**: autobiografia/Norberto Bobbio. Tradução: Daniela Beccoccio Versioni. Rio de Janeiro: Compus, 1998.

BOBBIO, N. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. 3. ed. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BOBBIO, N. **Filosofia e dogmatica del diritto (1931) e La fenomenologia di Husserl (1933) Band 001**, Prefazione e cura di Mario G. Losano Studien zur Rechtslehre 1. Frankfurt am Main: Klostermann, 2023.

BOBBIO, N. **Né con Marx né contro Marx**. Roma: Editori Reuniti, 1997.

BOBBIO, N. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

BOBBIO, N. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BOBBIO, N. **Política e cultura**. Nuova Edizione. Introduzione e cura di Franco Sbarberi. Torino: Giulio Einaudi Editore, 2005.

BOBBIO, N. **Scritti su Marx**: dialettica, stato, società civile. Roma: Donzelli Editore, 2014.

ECO, U. **O Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. v. 2. Os intelectuais. *O princípio educativo*. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JENNINGS, J.; KEMP-WELCH, T. **Intellectuals in Politics**. From the Dreyfus Affair to Salman Rushdie. New York: Routledge, 1997.

LAFER, C. **Norberto Bobbio**: trajetória e obra. São Paulo: Perspectiva, 2013.

PAZÉ, V., & CUONO, M. Norberto Bobbio's political philosophy, between theory and ideology. **Journal of Political Ideologies**, 2022, 27(3), p. 313–329.

RAGAZZONI, D., & CRAIATU, A. Norberto Bobbio: a life for democracy on the battlefield of ideologies. **Journal of Political Ideologies**, 2022, 27(3), p. 247–249.

WINOCK, M. **O século dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

## DADOS DO AUTOR

### Elvis de Oliveira Mendes

Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (RJ). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (MG) onde é pesquisador Bolsista da CAPES.

E-mail: [elvis.oliver@live.com](mailto:elvis.oliver@live.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1303-1319>